ZERO HORA

Publicado em 20/05/2024 - 05:54

Capital tem volta parcial às aulas; na rede estadual, há 452 escolas inativas

Cenário incerto para retorno às aulas

Após enchente, um em cada quatro estudantes da rede estadual gaúcha não tem previsão de voltar às instituições de ensino

DIVULGAÇÃO/PMPA

Escola Municipal Porto Alegre, que oferece educação a jovens e adultos, durante a cheia do Guaíba

ISABELLA SANDER
isabella.sander@zerohora.com.br

Danificadas pelas enchentes, quase uma em cada cinco escolas estaduais gaúchas não tem previsão de retornar às atividades. As 452 instituições ainda inativas e sem data para abrir as portas, em balanço de ontem, atendem 178.027 alunos, que representam 24% do total de matriculados na rede e que, hoje, não sabem quando voltarão às salas de aula.

O total de estabelecimentos estaduais afetados, que reúne também aqueles que hoje servem de abrigo ou enfrentam problemas no transporte e no acesso, é bem maior: chega a 1.058, quase metade da rede.

A situação se repete nas escolas particulares e nas municipais espalhadas pelo Rio Grande do Sul. Entre as privadas, o Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino Privado do RS (Sinepe-RS) apurou em levantamento que 26 estabelecimentos que atendem quase 11 mil alunos foram atingidos pelas cheias. Em 18 (69,2%) deles, a inundação alcançou altura superior a 1 metro. Dez (38,4%) tiveram 100% de seu espaço físico atingido pela enchente.

Nas redes municipais, levantamento da União dos Dirigentes Municipais de Educação no RS (Undime-RS) e respondido por 376 dos 497 municípios apontou 843 escolas danificadas, o que representa 22,5% das 3.745 existentes nessas cidades.

Nas instituições vinculadas à prefeitura de Porto Alegre, as aulas estavam suspensas até sexta-feira. Parte retoma hoje.

Praticamente todas as 99 escolas próprias da Capital e as 219 parceiras foram atingidas. Destas, 14 próprias e 12 conveniadas ficaram total ou parcialmente inundadas e com grande perda de infraestrutura.

Devido a esse cenário, o Ministério da Educação (MEC) autorizou, no dia 10 de maio, a flexibilização do calendário escolar no Estado. As regras para isso foram publicadas no dia 13 pelo Conselho Nacional de Educação.

A carga horária poderá ser recuperada no ano seguinte, inclusive com a adoção de um currículo ininterrupto de duas séries. Além disso, atividades não presenciais ou em locais alternativos poderão ser computadas para compensação das horas/aula.

Ações

No dia 14, nota conjunta assinada por membros da Secretaria Estadual de Educação, do Ministério Público de Contas, do Tribunal de Contas do Estado (TCE-RS), do Ministério Público (MP), da Federação das Associações de Municípios (Famurs), da Undime-RS, do Conselho Estadual de Educação, da União Nacional dos Conselhos Municipais de Educação do RS (Uncme-RS) e do Sinepe-RS, instituiu um grupo de trabalho para pensar a educação pós-cheias.

O documento sinaliza a importância de repasses de recursos imediatamente, de ações de combate à evasão escolar e da criação de instrumentos que possibilitem a agilidade de medidas para solucionar os danos causados pela enchente.

452
instituições estaduais inativas, que atendem 178.027 alunos

1.058
estabelecimentos estaduais afetados, que servem de abrigos ou que enfrentam problemas de acesso.

Reinício em 36 municipais

Suspensas desde 2 de maio, as aulas em 18 escolas da rede de Porto Alegre devem voltar hoje. A Secretaria Municipal de Educação (Smed) determinou o reinício em todas as unidades que não foram atingidas diretamente pelas cheias e que contam com água e energia elétrica.

Os servidores afetados não precisarão voltar de imediato. Amanhã, outras 14 unidades retornam ao funcionamento. Na quarta-feira, mais quatro. De acordo com o secretário José Paulo da Rosa, mais de cem escolas infantis conveniadas também voltam hoje.

GZH Veja a lista das escolas que voltam em **gzh.digital/municip**

Diferente da pandemia

As portas fechadas dessas escolas remetem quase que imediatamente ao cenário vivido durante a pandemia: com a necessidade de isolamento social, muitas instituições permaneceram mais de um ano quase sem atividades presenciais, enquanto estudantes e professores exerciam suas funções protegidos pelos seus lares.

O resultado foi uma perda de aprendizagem combatida ainda hoje pelos sistemas de ensino. A diferença, agora, é de que, para mais de 600 mil pessoas no Rio Grande do Sul, hoje a casa não serve para proteger, e há escolas que não estão esperando em prontidão pelos seus alunos.

– Se eu penso na metáfora do lar, sendo a casa e a escola os dois patrimônios culturais da construção da identidade de uma criança, ambos estão afetados, e isso muda radicalmente o que vamos falar sobre aprendizagem – adverte a professora Cristiane Schnack, gerente de Desenvolvimento de Ensino da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

Quando as aulas voltarem nas escolas, Cristiane entende que será necessário pensar em como atender as necessidades básicas das crianças, reconstruir a estrutura física de alunos, professores e funcionários afetados e retomar o senso de comunidade:

– A escola tem um papel fundamental de enxugar as lágrimas e acolher, mas precisa fazer isso também olhando para frente, para encontrar caminhos de esperança. Porque a volta para as casas de quem está em abrigos, vai ser muito triste. Então, a escola precisa encontrar os caminhos para auxiliar as crianças a encontrarem um lugar de futuro, e se reconhecerem pertencentes ao mundo.

Identidades atingidas

A professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e coordenadora do Grupo de Estudos de Políticas Públicas para o Ensino Médio (Geppem), Patrícia Souza Marchand, avalia que o período de fechamento das escolas será menor do que o registrado durante a pandemia, mas que qualquer tempo não planejado de falta de atividades acarreta prejuízos para a aprendizagem dos estudantes.

– Assim como na pandemia, as escolas terão de readequar, reorganizar seus planejamentos e calendários para que possam cumprir com o estabelecido para cada um dos anos e etapas da Educação Básica. A reabertura precisa estar vinculada a condições adequadas de retomada das aulas: reabrir de forma precária e improvisada acarretará mais problemas – ressalta Patrícia.

A docente observa que a enchente traz impactos na saúde mental, nas condições habitacionais da comunidade escolar, problemas econômicos, na estrutura das escolas e nas condições de transporte das cidades, entre outros – e que tudo isso trará dificuldades na retomada do processo educacional.

– A questão territorial, de constituição das comunidades escolares, foi atingida. Muitos municípios e bairros foram completamente destruídos, incluindo suas escolas. A cultura, a identidade destas comunidades, suas práticas culturais, vivencias, relações estabelecidas, saberes já constituídos integram o currículo das escolas destas comunidades, suas crenças e valores foram atingidos com esta situação que assola o RS. Com isto, a educação terá, sim, impactos – analisa a pesquisadora.

Ensino Médio

Entre os estudantes de Ensino Médio, a preocupação é de que muitos assumam responsabilidades adicionais para ajudar suas famílias na reconstrução de suas casas e na recuperação financeira, o que pode resultar em uma carga maior de trabalho, menos tempo para se dedicar aos estudos, e evasão escolar.

Outro alerta dado por Patrícia é de que muitas famílias terão dificuldades financeiras inclusive para garantir o transporte para a escola, o que já aconteceu durante a pandemia. Por isso, políticas públicas de transporte escolar precisarão ser pensadas.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Pagina: 6

Copyright © Clipclap 2025.